

Durante os meses em que nos conversámos, não senti amor. Sustentava unicamente forte afeição pela expectativa de meus pais no futuro genro. Ao longo do nosso noivado a vigilância constante da mamã e de Vitorina só permitia levares a minha mão a teus lábios, quando nos saudávamos, ou um breve toque nos teus ombros, ao ajudar-te a vestir a sobrecasaca. Atraía-me a tua voz grave, a eloquência com que defendias os teus ideais. Distraía-me a forma como movias as mãos enquanto conversávamos. O teu olhar fixava todos os pormenores da indumentária por mim trajada. Reparavas no meticuloso bordado no folho de renda da gola dos vestidos, na estola sobre os ombros, nas fivelas dos sapatos e nas pregas da minha blusa junto aos seios. Reparava nos teus olhos poisados no berloque da pulseira pendente do pulso, no crucifixo de ouro, adorno luminoso sobre o meu peito, nos poucos anéis das minhas mãos e no rubor liso da pele de meu rosto. Antes de chegares, de um só golo, tomava um caldo de carne com vinho, para mais rápido o rubor chegar às faces, assim ensinara Vitorina. Sempre que sorria, percebia em ti um alvoroço notado pelo baloiçar da perna cruzada, pela inquietude das mãos, afagada uma na outra, ou pelo rubor do teu pescoço. Uma vez em que me vieste namorar, trouxeste para o chá uma caixa de bolos da Confeitaria Nacional, nunca te revelei como a mamã ficou agradada com o teu gesto e os elogios que te teceu.

Não fora habituada a conviver com homens. Meu pai permanecia mais tempo em Estremoz do que com a família em Lisboa.

Cresci ao lado da mamã, da mana Margarida, da Vitorina, nossa governanta, e de outras criadas. Como o pai pouco estava em casa, só recebíamos visitas de senhoras amigas da mamã. Os preconceitos sociais em que fui educada vedavam-me o convívio com cavalheiros. Um homem era um mistério. Durante o período que antecedeu o nosso casamento, só mantivemos uma única conversa não versada em banalidades. Lembro-me de teres afirmado. Não sou aquele que alia a virtude à sabedoria, cujos juízos são inspirados pela retidão do espírito e pelo bom senso. O homem que só estima bens materiais e por isso vive sem ambições, sem inquietações, sem decepções emocionais a perturbar-lhe a existência, finda a vida, não pode asseverar ter vivido! As tuas palavras na altura não foram por mim inteiramente entendidas. Hoje, ecoam no meu pensamento com a mesma frequência com que respiro.

Antes de ti, meu amor, só havia cruzado os olhos com o rapaz que dirige o faetonte da viúva Leonilde, sempre que ele a conduzia à sexta-feira a nossa casa, à hora do chá. Esse jovem mancebo, moço de estrebaria, era mais atraente do que um precipício numa tarde de vertigens. Dele recordarei sempre a barba aloirada, os olhos verdes como as esmeraldas da mamã e o tronco onde assentava o pescoço viril, mostrando algumas veias onde, certamente, corria sangue diferente do nosso, mais pujante, com um passado de provações, trabalho e fome, mais digno, mais atento ao passar dos dias. Numa tarde, espreitei pela janela da biblioteca que dava para a rua. Apreciei a forma como Tolentino mastigava um pedaço de broa. Como a trincava, mostrando os dentes brancos e enrugando a testa pelo prazer de comer pão. Achei-o magnífico! Apesar da distância social, mesmo de nascimento, nunca um homem me havia inquietado tanto.

Tolentino levava os dias a limpar estábulos, escovar, ferrar e alimentar mulas e cavalos, segurar rédeas, gritar impropérios só pelas bestas conhecidos. Ao fim do dia, descansava num colchão de folhas de milho, ejaculando na mão para não sujar os panos que lhe serviam de lençol. Nunca suspeitou de que eu corria para a janela

da biblioteca, sabendo ser ele quem conduzia a viúva Leonilde a nossa casa. O rapaz atava o cavalo a uma argola cravada na parede de fora da cocheira. Enquanto esperava pela sua senhora, sentava-se no degrau do passeio a enrolar e fumar um cigarro, ou aproveitava aquelas horas de tédio para conversar, atrevido, com as criadas que iam e vinham da mercearia, da taberna ou de abastecerem as seiras na carroça saloia do Manel da Fruta. Eu só abandonava a janela da biblioteca quando a mamã me mandava chamar para ir cumprimentar a amiga Leonilde, bebericar chá, tocar uma pianada para entreter a viúva, que, por ser recente a viuvez, ainda lacrimava ao som de uma valsa, suspirando a memória do marido em cujos braços rodopiara nos mais nobres salões da nossa cidade. Pelo contrário, a mamã não frequentava salões de dança, nem o São Carlos, nem festas em embaixadas, recepções em jardins, ou jantares de gala nos palácios de aristocratas ou de burgueses endinheirados. A mamã dizia encontrar grande frivolidade nestes ambientes, onde as senhoras desfilavam toilettes e joias adquiridas no estrangeiro. A vida social da mamã não ia além de receber as amigas para o chá às quintas-feiras, excetuando as viúvas, às quais estava reservada a sexta-feira, por ser o dia da Paixão de Cristo. A mamã apreciava passar temporadas no Sul do país, numa herdade da família, onde o marido, praticamente, residia. Raramente nos levava com ela, ficando eu e a mana Margarida aos cuidados de Vitorina, a velha governanta da nossa casa de Lisboa. Quando era encarregada de olhar por nós, Vitorina pedia-nos contenção nas atitudes, acrescentando ser ela os olhos da mamã e a severidade do pai. O pai detestava ambientes femininos. Não tivera um varão, esse desgosto perseguiu-lo-ia até morrer. Nunca se interessou pela educação das filhas, deixando-nos ao cuidado da mamã, que guardava o desgosto de não ter proporcionado ao marido a grande alegria de conceber um filho homem.

Graças à mamã, Margarida e eu fomos educadas nas letras e na música, falávamos e líamos francês e inglês, compreendíamos alemão. Eu frequentava o último ano do curso de piano no

Real Conservatório. A mamã sempre defendeu a instrução das filhas, insistindo com o pai, sem sucesso, para nos proporcionar uma primorosa educação. O pai insurgia-se com a insistência da mamã, respondendo grosseiro. Como já não bastasse teres essa tua biblioteca repleta de livros que não passam de um atentado à moral católica e ao pudor, ainda me pedes autorização para as meninas estudarem! Fica sabendo. Livros como esses não constam nas bibliotecas de senhoras decentes, cristãs dignas, tementes a Deus! Cruzes, abrenúncio! Que dizes tu, marido?! Reagia a mamã, amofinada. O pai prosseguiu a injúria. Sei que lês esse impudico do Eça! A mamã sobressaltada quis saber. Como descobriste esses livros nesta casa? Seguindo, explicou. Marido, Eça de Queiroz é um romancista de excelência. Como podes condenar a sua obra se nunca a leste? Não li, nem lerei! Replicou o pai, quase em fúria. Onde já se viu uma mulher ler livros indecentes às escondidas do marido?! Tens sorte, porque sou um homem benevolente. Qualquer outro já teria deitado ao fogo da lareira essas obras indecorosas e devassas! Continuava a contrapor o pai, mal sabendo que, não estando ele em casa, a mamã não restringia qualquer leitura às filhas, pedindo-nos segredo absoluto dessa permissão. A mamã, preocupada com a nossa instrução, contratou *mademoiselle* Charpentier e miss Harrison para preceptoras das filhas.

Se o pai estava em casa, um silêncio redondo pairava sobre nós. As criadas andavam em bicos dos pés, deixando de cantarolar. As refeições eram servidas no mais denso mutismo, nem os talheres a roçar ligeiramente nos pratos o pai tolerava. Pouco ou nada falava conosco. A mamã conhecia a razão daquela dor transportada no olhar do marido e instalada no seu coração. Era provocada pela falta de um filho homem. Um dia, ao entrar na sala do piano, ouvi a mãe desculpar-se. Foi Deus, meu marido. Foi por Sua vontade que não gerei um herdeiro varão. O pai não desviou os olhos do jornal. Não poisou o charuto. Não descruzou a perna. Não a ouvia. Nunca parecia ouvir a mamã. Dar importância às suas tentativas de conversar. Apesar disso, o pai tinha preocupações com pormenores,

recomendando arear o bule de prata, ajustar as franjas de um tapete persa, endireitar quadros. Contava a quantidade de flores das jarras, nunca permitindo que o seu número fosse par. Instigava à correta lavagem dos vidros das janelas e do passeio em frente a casa. Dava ordem para se limpar as chaminés duas vezes por ano. Contava os frutos nas taças da sala de jantar. Transtornava-se se as velas acesas dos candelabros não ardiam todas ao mesmo tempo. Passava o dedo indicador pelos móveis, verificando se tinham sido limpos. Levantava-se da mesa, interrompendo a refeição de todos, caso eu ou a Margarida nos esquecêssemos de limpar os lábios ao guardanapo, antes de levar o copo à boca, chegando mesmo a ter acessos de fúria, atirando para o chão o prato no qual comia. Media por uma ampulheta o tempo dedicado à leitura do jornal. Tomava todos os dias o pequeno-almoço no quarto. Bebendo o café pela caneca da sua infância. Engraxava o seu calçado, quando chegava da rua. Tomava a sopa por uma colher curvada pela qual minha avó lhe dera as primeiras papas. Um dia, Margarida, ao anunciar-lhe ter terminado o Curso de Piano e haver sido convidada para um sarau em casa dos marqueses de Soveral, ouviu o pai em fúria proibindo-a de tocar fosse o que fosse fora de casa, vociferando. Vós estudais música e outras matérias, por eu não querer contrariar a insistência da senhora vossa mãe em apostar num futuro de desgraça para as filhas! Uma casa de mulheres instruídas é pior do que uma república! Por mim, aprendiam os rudimentos da leitura e da escrita e chegava! A mana Margarida argumentou. Senhor meu pai, lembre-se que as infantas, filhas de Dona Maria II e de D. Fernando, foram mulheres instruídas. Ora, pois claro, a uma infanta nunca se sabe se lhe sai o trono na rifa! Essas sim. Devem e têm de estudar como os homens! Com este brado, virou-nos as costas. Bateu a porta. Ordenou ao cocheiro que o transportasse ao barco. Atravessou o Tejo. Vestiu um guarda-pó e apanhou uma carruagem. No dia seguinte meteu-se num breque. Chegando à herdade, onde permaneceu sem dar notícias até à véspera do meu casamento.